

As Ruínas da Matriz da Jaguara e a Igreja Inacabada do Rosário dos Pretos em Sabará:

Estudo Sobre o Uso de Estruturas Mistas na Arquitetura Religiosa Mineira da Segunda Metade do Século XVIII

Dangelo, André Guilherme Dornelles⁽¹⁾, Brasileiro, Vanessa Borges⁽²⁾*

⁽¹⁾andregddangelo@gmail.com, ⁽²⁾vbbrasileiro@gmail.com

* Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais

RESUMO

Este estudo pretende abordar questões relativas à tecnologia de construção utilizadas na arquitetura religiosa mineira na segunda metade do século XVIII, com ênfase nos pequenos centros, onde as condições econômicas eram mais precárias e a presença de grandes mestres construtores mais difícil. Estas circunstâncias fizeram surgir uma tipologia intermediária, ainda baseada em alguns recursos das igrejas de taipa e pau a pique da primeira metade do século XVIII, mas que foram obrigadas a incorporar na sua linguagem um repertório mais moderno e erudito, em voga nas construções religiosas a partir de 1750, quando os mestres construtores assumiram, nos grandes centros, a tarefa do projeto e da construção, impondo a presença do recurso da pedra e cal.

A metodologia utilizada consiste na análise das ruínas ainda existentes de duas igrejas, uma concluída parcialmente e outra abandonada ao longo do tempo. São elas a igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, em Sabará, construção em alvenaria de pedra que teve seu projeto abandonado com a abolição da escravatura em 1888, e a Matriz da Jaguara, uma obra de 1770, também na região de Sabará, que abrigou um dos mais importantes conjuntos de talha de Antônio Francisco Lisboa – o Aleijadinho. Abandonada pelos protestantes que compraram as terras onde o monumento se localiza, o edifício foi sendo lentamente delapidado pelos homens e pelo tempo, tornando-se, depois de tardiamente tombada, um exemplar que guarda uma série de segredos da tecnologia construtiva mais rural da segunda metade do século XVIII.

Palavras-chave: técnicas construtivas; estruturas mistas; arquitetura religiosa em Minas Gerais.

1. INTRODUÇÃO

O estudo das técnicas construtivas ligadas aos antigos monumentos do século XVIII em Minas Gerais ainda constitui matéria incompleta. Os existentes classificam genericamente os sistemas construtivos vernaculares e seguem as conclusões dos estudos pioneiros feitos por autores como Germain Bazin, Sylvio de Vasconcelos, Paulo Santos e Suzy de Melo, os quais, baseados na documentação

conhecida até a década de 1960, definiram uma relação direta entre tipologia arquitetônica do edifício religioso e o sistema construtivo. Talvez, a melhor síntese desse modelo seja aquela proposta por Sylvio de Vasconcelos presente em “Arquitetura: dois estudos” (1983), onde o prestigiado pesquisador procurou articular a relação entre as tipologias de produção arquitetônica e a economia

e a estrutura social da Capitania, definindo o seguinte esquema cronológico (Fig. 1):

A partir dessa proposta, podemos verificar que, durante a primeira metade do século XVIII, os edifícios religiosos classificados pelo autor como Capelas e Matrizes dominaram a cena da construção religiosa. Nesta fase de fixação de uma nova cultura no território recém-descoberto, sendo este filho da improvisação, de uma criação espontânea e de uma economia ainda sem organização e papéis fixos, principalmente em relação ao mundo dos ofícios, foi necessário recorrer a uma prática arquitetônica que se apropriava dos

modelos e técnicas construtivas da cultura do elemento desbravador, principalmente o paulista. Daí decorreu o costume da edificação em terra e madeira – taipa e pau a pique – e o emprego da mão de obra disponível, que, como afirmou Germain Bazin (1983), nesta primeira metade do século XVIII sempre esteve mais associada ao carpinteiro que ao pedreiro, ao canteiro e ao arquiteto.

O maior empreiteiro da primeira metade do século XVIII na região de Ouro Preto e Vila Rica foi o conhecido Manoel Francisco Lisboa, pai de Antônio Francisco Lisboa, mais conhecido como o Aleijadinho. Nascido na região de Lisboa, como designa o seu nome adotado na região das Minas, era um carpinteiro por formação, e pela falta de gente mais especializada, tornou-se empreiteiro geral e também arquiteto, sendo um dos mais bem sucedidos “homens de fábrica” no jargão da época, do mercado de construção até sua morte em 1767.

Segundo Bazin (1983), com base no famoso relato intitulado “Crônicas dos fatos notáveis da Capitania das Minas, do Segundo Vereador de Mariana”, de Joaquim José da Silva, escrito em 1790, a possibilidade da mudança do sistema construtivo de madeira e barro para a pedra e cal, só se impôs na matriz arquitetônica mineira a partir de 1740, quando começa a ser feita a construção do Palácio dos Governadores em Vila Rica, obra e construção atribuída ao Engenheiro Militar José Fernandes Pinto Alpoim, figura bastante conhecida na historiografia da Arquitetura da Capitania de Minas e do Rio de Janeiro ao longo do século XVIII. Seguindo a tradição portuguesa, conseguiu-se reunir para realizar aquela empreitada os melhores mestres de ofício existentes na Capitania, num momento em que a chegada de oficiais mais experientes já era uma realidade constante em todo território. Segundo o mesmo relato, esse canteiro de obras se transformou numa verdadeira “aula” de aprendizado e formação de mestres na nova técnica que unia

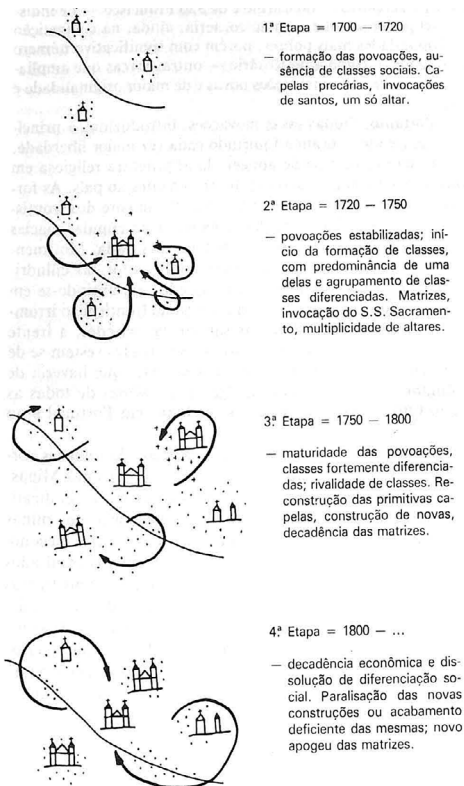


Fig. 1 – Cronologia da formação das tipologias arquitetônicas religiosas segundo Sylvio de Vasconcellos, 1983.

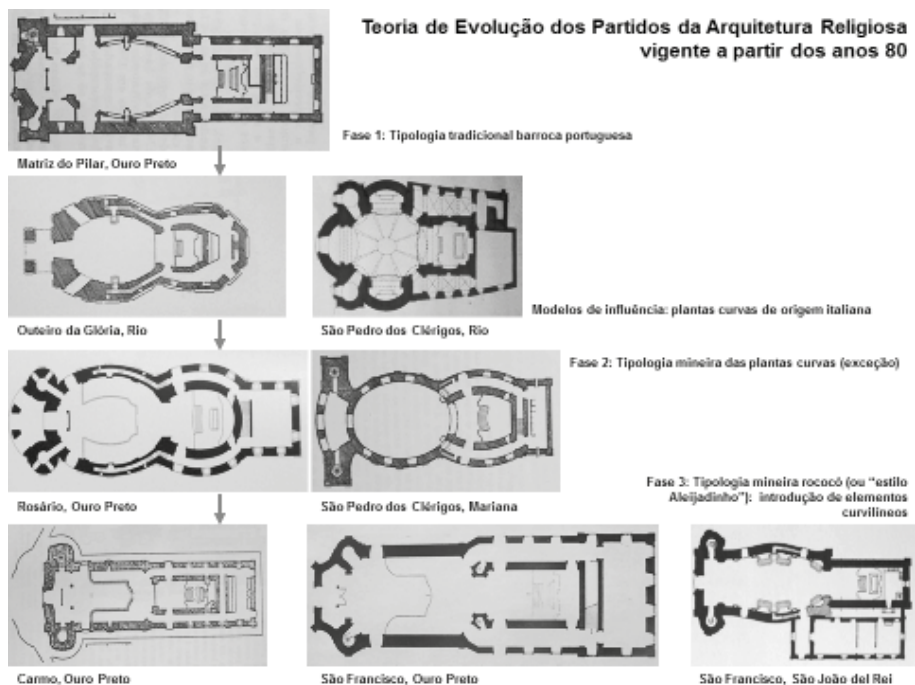


Fig. 2 – Cronologia da formação das tipologias arquitetônicas religiosas segundo os autores.

os conhecimentos da arte da pedraria e cantaria a um projeto arquitetônico mais erudito e dirigido por um verdadeiro perito na arte de edificar, como foi o Brigadeiro Pinto Alpoim.

Certamente, a rápida assimilação do sistema construtivo de pedra e cal no mercado de construção durante a década de 1740 a 1750 resultou do enriquecimento da Capitania, do grande surto de oficiais imigrados para a região entre 1745 e 1755 e, principalmente, do surgimento de demanda para a construção das igrejas das Ordens Terceiras e Irmandades leigas, como já havia notado Sylvio de Vasconcellos (1979). Exemplares importantes de edifícios religiosos que marcam a mudança de técnica construtiva em madeira e barro para o novo sistema de pedra e cal foram a construção da igreja da Ordem Terceira do Carmo

de Sabará, de 1743, a nova Matriz de Caeté, de 1756, e as revolucionárias igrejas barrocas de São Pedro dos Clérigos de Mariana e Nossa Senhora do Rosário de Ouro Preto, ambas iniciadas por volta de 1753, e que demonstram que, junto com as lições do atelier da construção do Palácio dos Governadores, chegaram também novas ideias arquitetônicas, novos processos de produção intelectual dessa arquitetura e, principalmente, novos profissionais, mais atualizados com o que se edificava em Portugal e nas áreas do litoral brasileiro, prontos para dinamizar o ambiente de alta demanda por construções religiosas que começa a existir na Capitania de Minas entre 1750 a 1800. Neste sentido, Sylvio de Vasconcellos, em seu texto intitulado “Barroco no Brasil”, publicado inicialmente na Revista das Américas, em 1969,



Fig. 3 - Capela da Fazenda da Jaguará. Acervo dos autores, 2003.



Fig. 4 - Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, em Sabará. Acervo dos autores, 2016.

recapitulando o problema da evolução da arquitetura religiosa brasileira em Minas e no Litoral, já apontava para a relação direta que deveria existir entre os projetos da igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, projeto do Brigadeiro Joaquim Cardoso Ramalho, de 1738, e da extinta igreja de São Pedro dos Clérigos, obra hoje atribuída ao Dr. Antônio Pereira de Sousa Calheiros, do ano de 1733, ambas construídas no Rio de Janeiro (Fig. 2).

Do ponto de vista da tecnologia de construção utilizada nos grandes edifícios religiosos, pretendemos analisar neste artigo o caso de duas igrejas construídas a partir de 1760 na antiga cidade de Sabará, sede da Comarca do Rio das Velhas, onde, diferentemente dos modelos geralmente propostos no estudo da evolução da arquitetura religiosa mineira do século XVIII, a introdução do sistema construtivo em pedra e cal não sufocou totalmente a utilização dos sistemas de madeira e barro. Da mesma forma, a introdução de um modelo de planta mais atualizado (influenciado pelo tardo-barroco internacional), principalmente nas cidades de Ouro Preto, Mariana e São João del-Rei, não extinguiu totalmente o gosto pelos padrões tipológicos mais tradicionais, mais ao gosto do estilo chão, que tanto marcou o período das Matrizes (1720 a 1750), considerando aqui a

classificação cronológica proposta por Sylvio de Vasconcellos.

Os edifícios que pretendemos analisar como estudo de caso são duas igrejas que têm atualmente seu sistema construtivo exposto frente a causas diferentes. A primeira delas é a antiga Capela da Fazenda da Jaguará (Fig. 3), obra edificada entre os anos de 1770 e 1780, sob a administração do Fazendeiro Francisco de Abreu Guimarães, administrador de sete fazendas do chamado “Vínculo da Jaguará”. O edifício foi construído com um interessante sistema construtivo misto, que trabalha com toda a estrutura em uma gaiola de madeira, mas com preenchimento da alvenaria em pedra, embora também utilizando o pau a pique como vedação em algumas estruturas. Como era uma Capela privativa da fazenda, foi abandonada a partir de 1900, após a venda de todas as suas alfaías e retábulos, conjunto feito pelo Aleijadinho e seu atelier, tendo sido tombada em 1986 pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA-MG).

A segunda capela da nossa análise é a Igreja do Rosário de Sabará (Fig. 4), capela edificada por volta de 1780. Esta igreja inacabada foi construída até o ponto em que foram paralisadas as obras, até possivelmente no ano de 1878. Pela documenta-

ção, sabe-se que os trabalhos foram contratados com o mestre Antônio Moreira Gomes, com a participação dos pedreiros João Paulo e Antonio Machado Penha e do mestre carpinteiro Antônio Ferreira de Brito. O edifício foi edificado totalmente em pedra e cal, com adro à frente para monumentalizar o edifício e resolver o problema do desnível do terreno.

2. ESTUDO DE CASO 1: ANÁLISE DO SISTEMA ESTRUTURAL DA CAPELA DA JAGUARA

A Capela da Jaguara é um interessante modelo de como nas construções particulares parece ter havido uma certa preferência por ser manter os modelos formais da arquitetura, mais ligados à arquitetura tradicional das velhas matrizes. No entanto, não despreza os avanços funcionais implementados a partir de 1750, nos quais o corredor ao lado da nave e da capela-mor, que abriga as tribunas no segundo pavimento, vai sendo suprimido para, num primeiro momento, melhorar a composição arquitetônica do edifício com a valorização formal da torre. Num segundo aspecto, esta modificação colabora para trazer a luz para dentro do templo, como exigia a nova estética do Rococó, em moda a partir de 1770. E, num terceiro argumento, para baratear as obras, em um momento em que o ouro já não era tão abundante na economia. É novamente Sylvio de Vasconcellos quem melhor define as condicionantes arquitetônicas da mudança na tipologia da arquitetura religiosa em Minas Gerais entre a primeira e a segunda metades do século XVIII quando afirma que a característica mais marcante dessa evolução foi “(...) Reduzir as composições à sua mais simples e esquemática forma; usando os próprios volumes como único componente emocional; eliminando as decorações supérfluas para enfatizar o ornato essencial: clarificando as proporções e fazendo-as concisas (...)”. (Lemos, 2004)

Neste sentido, podemos começar a nossa análise dizendo que a Capela da Jaguara foi concebida mesclando influências arquitetônicas e construtivas da primeira e da segunda metade do século XVIII, sendo um edifício híbrido, tanto do ponto de vista arquitetônico como construtivo.

Do ponto de vista arquitetônico, essa solução mais arcaica encontra-se no frontispício com torres quadradas e frontão de influência clássica com empena triangular, ainda à moda da primeira fase jesuítica brasileira. No entanto, a distribuição da composição das fenestrações arranjada com um óculo quadrilobado – já não mais existente, mas visto em fotografias antigas (Fig. 6) – dialogava com a linguagem formal do Rococó, que também compunha as elegantes seteiras das torres e uma portada simples, executada em talha de madeira, que lembra as reformas impostas em 1780 para modernizar para o estilo Rococó da Matriz de Santa Bárbara. É muito provável que essas modernizações tenham sido impostas pelo Aleijadinho quando ali esteve para construir o conjunto de talha que envolvia dois púlpitos, dois altares do cruzeiro, arco cruzeiro, altar-mor e altar da sacristia. Essas peças estão hoje adaptadas na Matriz de Nova Lima, cidade próxima a Belo Horizonte. A linha de três janelas do coro também está compatível com uma composição mais vinculada à segunda metade do século XVIII, que trabalha com maior liberdade a composição tradicional, que nas velhas capelas e matrizes organizavam-se numa composição fixa de um triângulo invertido cujos vértices eram as duas janelas do coro e a porta principal.

No programa funcional, entretanto, a planta é totalmente compatível com a tipologia de planta utilizada na região de Sabará a partir de 1750, quando foi ali introduzido o sistema construtivo de pedra e cal a partir da construção da igreja da Ordem Terceira do Carmo (Fig. 5) pelo mestre português Tiago Moreira, e que será reproduzido, posteriormente, tanto na igreja do Cordão de São

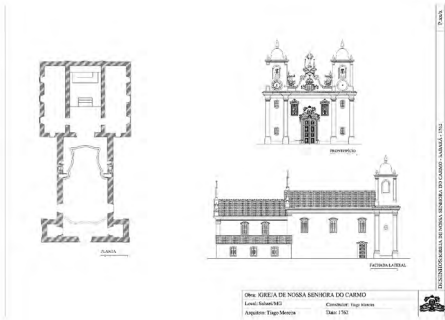


Fig. 5 – Igreja de Nossa Senhora do Carmo, em Sabará. Acervo André Dangelo, 2007.

Francisco dos Homens Pardos como na igreja do Rosário, que iremos analisar posteriormente. O programa segue a seguinte estrutura funcional: nave sem corredores, iluminada pelo alto das paredes, articulada por arco cruzeiro com a capela-mor, também iluminada pelo alto das paredes, que é ladeada por dois corpos baixos de ambos os lados, que servem de sacristia e capela do Santíssimo.

Do ponto de vista estrutural (Fig. 7), a construção da igreja segue estes mesmos parâmetros, misturando uma solução em gaiola com vários travamentos horizontais, principalmente

no frontispício (Fig. 8), mas também ao longo do corpo do edifício (Fig. 9), que de fato tem como princípio estrutural a distribuição de cargas, que são transmitidas ao longo de toda a fundação e distribuídas pela sapata corrida, à qual as peças estão engastadas. Sobre essa sapata corrida, construída em pedra, se edifica toda a alvenaria principal do corpo da igreja, também feita de pedra canjicada muito pequena, unida com argamassa de barro, que funciona tanto como vedação quanto como estrutura portante, auxiliando os esteios da estrutura de madeira. Existem também alguns elementos feitos de madeira e adobe como a empena principal, que são fixados a peças estruturais de contraventamento da estrutura, feitos por técnicas de ensablamento e amarração em rabo de andorinha. Notamos também a presença de cravos fixando pedras às peças de madeira, para gerar maior aderência para a fixação do reboco de cal para o revestimento da estrutura. Como a linguagem da arquitetura da segunda metade do século XVIII trabalha sobre uma cultura arquitetônica mais erudita, os cunhais precisaram ser alargados para dar melhor proporção às pilastras que fazem o papel de ordem (ainda que simplificadas) na composição, principalmente do frontispício (Fig. 10). Para tanto, se utilizou um técnica parecida com a tabeira de estucaria, como uma série de



Fig. 6 – Capela da Fazenda da Jaguará, circa 1910.

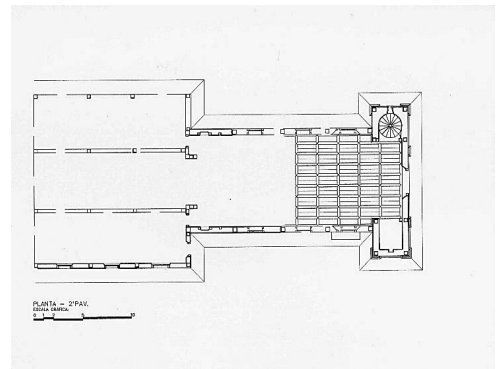


Fig. 7 – Capela da Fazenda da Jaguará, planta. Acervo dos autores.



Fig. 8 – Capela da Fazenda da Jaguarua, vista interior do frontispício. Acervo dos autores, 2003.

pequenas varas de madeira fixadas ao esteio que depois de argamassadas dão o ressaltado e proporcionam a coluna, sendo que nos socos foram já utilizados tijolos queimados, que é uma solução rara neste período em Minas. Um recurso de carpintaria, com essa mesma intenção, foi feito para fingir o entablamento, utilizando um gabarito de carpintaria que definia o perfil da forma do entablamento, que era multiplicado em várias peças iguais e fixado aos frechais para ser posteriormente revestido por tábuas de madeira, que depois recebiam acabamento com tinta à base de cal e pigmento. Hoje não existem mais resquícios do forro, que certamente era em cambota e feito de madeira com pintura em fundo claro à moda do Rococó. Existem algumas antigas fotos que registram fragmentos dessas pinturas. O piso era campado e ainda existia parcialmente na época dos primeiros levantamentos técnicos no início de 1982. As escadas eram circulares com seu peso principal descarregado numa peça central. Parte de uma delas ainda existe. Outros fragmentos demonstram que foram utilizadas as tradicionais soluções de forro de madeira em saia e camisa. As coberturas das torres, no entanto, seguiram as antigas soluções das velhas matrizes, com o telhado de forma piramidal coberto de telhas,



Fig. 9 – Capela da Fazenda da Jaguarua, vista interior do arco cruzeiro. Acervo dos autores, 2003.

certamente para não sobrecarregar a estrutura das torres, que ainda contariam com o peso dos sinos que, em movimento, multiplicam em três vezes o seu peso transmitido à estrutura da torre sineira (Samassa, 1943; Dangelo, 2013).

3. ESTUDO DE CASO 2: ANÁLISE DO SISTEMA ESTRUTURAL DA CAPELA DO ROSÁRIO DE SABARÁ

A capela do Rosário também segue estritamente o modelo de planimetria da Jaguarua que, como dissemos anteriormente, remete ao modelo mais antigo na região de Sabará, que foi o da construção da igreja da Ordem Terceira do Carmo pelo mestre português Tiago Moreira. O programa segue a seguinte estrutura funcional, também já descrita anteriormente: nave sem corredores, iluminada por janelas altas, articulada por arco cruzeiro com a capela-mor, também iluminada pelo alto das paredes, que é ladeada por dois corpos baixos de ambos os lados, que servem de sacristia e capela do Santíssimo (Fig. 13).

Do ponto de vista estrutural, a construção da igreja utiliza, como sistema único, a alvenaria de pedra e cal com junta em pedra seca, com a construção de adro à frente para resolver o problema do desnível do terreno e também para



Fig. 10 – Capela da Fazenda da Jaguarua, vista da torre. Acervo dos autores, 2003.

monumentalizar o edifício, o que certamente acarretou recursos vultosos a uma Irmandade de escravos, contribuindo para o não término da obra (Fig. 11). Neste sistema, geralmente, usa-se o alargamento de, pelo menos, dois palmos a mais (como vemos em muitos ajustes do período) para fora da dimensão das paredes (geralmente com



Fig. 11 – Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, em Sabará, vista do adro. Acervo dos autores, 2016.

1 metro de largura ou 5 palmos, como aparece na documentação de época). Na construção das alvenarias, os ressaltos das pilastras e dos socos das colunas são feitos juntamente com a construção das alvenarias. No caso aqui analisado, certamente por questão de economia, apenas os socos foram feitos com pedra aparelhada para ficar à mostra, e as pilastras, ainda que com o ressaltado tradicional para destacar o elemento arquitetônico, foram executadas com a mesma alvenaria de pedra seca, já que deveriam ser argamassadas para dar acabamento e posteriormente pintadas. Esse mesmo elemento construtivo com a técnica de balanço escalonado foi utilizado na parte acabada para fazer a forma da cimalha de acabamento das alvenarias, que depois foram finalizadas com argamassa de cal para dar a forma final na parte externa da sacristia e da capela-mor. Os elementos de cantaria também seguiram, muito de perto, as soluções executadas na citada igreja do Carmo, utilizando inclusive o mesmo material, um xisto esverdeado, típico da região, e de excelente adaptabilidade para esse trabalho, com que foram feitos a moldura da porta principal, todos os quadros de portas e janelas, arco cruzeiro e copa dos púlpitos e óculos das torres (Fig. 12).

Como curiosidade, a igreja ainda abriga no seu interior a capela original da Irmandade (Fig.



Fig. 12 – Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, em Sabará, detalhe da portada. Acervo dos autores, 2016.



Fig. 13 – Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, em Sabará, vista lateral esquerda. Acervo dos autores, 2016.



Fig. 14 – Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, em Sabará, vista interior, com capela original ao fundo. Acervo dos autores, 2016.

14), obra do início do século XVIII, que registra como essas instituições religiosas eram abrigadas inicialmente, além da ambição da obra não concluída, que está em sintonia com o significado da rivalidade entre os grupos sociais na Capitania, geralmente agrupados em tornos desses sodalícios religiosos por cor ou corporação de ofício.

Infelizmente, não conhecemos o projeto arquitetônico original dessa construção, mas pelo que está edificado é possível prever a tipologia do edifício, que não deveria divergir muito do que vemos edificado tanto na citada igreja do Carmo como na igreja do Cordão de São Francisco, construída no mesmo período.

4. CONCLUSÕES

Feitas as análises tipológicas e dos sistemas construtivos dessas duas edificações, podemos concluir que, ao contrário do que a literatura especializada afirma, a introdução do sistema de pedra e cal na construção das principais igrejas da Capitania de Minas a partir de 1750 não extinguiu totalmente o gosto mais conservador por uma tipologia mais tradicional e mais ao gosto português. Na verdade, essa tipologia sempre existiu ao lado da vertente mais criativa da nova cultura arquitetônica, que se expressou com maior facilidade nas grandes

idades da Capitania, onde existia uma população mais letrada e aberta a bancar as experimentações, aclimatadas regionalmente, do repertório religioso do tardo-barroco internacional.

Esse tradicionalismo, no entanto, muitas vezes também veio acompanhado, conforme podemos verificar em vários documentos sobre as construções religiosas do século XVIII em Minas Gerais, de limitações de toda ordem, principalmente econômicas, que condicionavam a atividade do arquiteto ou do construtor a preferir soluções funcionais e racionais, de modo a poupar despesas. Isso ocorria, principalmente, nas obras ligadas à participação da Coroa, como era o caso das Matrizes na primeira metade do século XVIII, mas também de capelas mais rústicas como a da Jaguará, e mesmo igrejas de Ordens Terceiras e Irmandades de localidades mais conservadoras, como parece ter sido o caso da Vila de Sabará, onde se situa a igreja do Rosário. Esta, embora construída utilizando o sistema de alvenaria de pedra e cal, que tanta experimentação formal proporcionou aos arquitetos e construtores mineiros que atuaram em igrejas construídas no mesmo período, tal como nas Vilas de Ouro Preto, Mariana e São João del-Rei, aqui se manteve ainda vinculado às soluções mais tradicionais da arquitetura mineira.

Na verdade, a existência dessa dualidade de correntes não foi um privilégio apenas da Capitania de Minas, mas também existiu em quase todo o Brasil, como já tinha observado o professor e pesquisador Carlos Lemos (2001). Essa dicotomia da arquitetura religiosa brasileira acabaria sendo sentida dentro da História da Arquitetura religiosa, principalmente pela coexistência dos modelos

ligados ao Maneirismo mais ortodoxo e a um Barroco mais criativo, em toda a produção da arquitetura religiosa até a implementação oficial do Neoclassicismo Histórico no Brasil a partir de 1816, com a chegada da Missão Francesa, que definiu pelo menos cronologicamente, o fim do período Barroco no Brasil.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bazin, Germain. 1971. *O Aleijadinho e a escultura barroca no Brasil*. Rio de Janeiro: Record.
- Bazin, Germain. 1983. *A arquitetura religiosa barroca no Brasil*. Rio de Janeiro: Record. 2v.
- Bury, John. 1991. *Arquitetura e arte no Brasil colonial*. São Paulo: Nobel.
- Cavalcanti, Nireu. 2004. *O Rio de Janeiro setecentista: a vida e a construção da invasão francesa até a chegada da corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Costa, Lucio. 1975. "Documentação necessária". In *Arquitetura Civil II*. São Paulo: FAU-USP; MEC-IPHAN.
- Dangelo, André Guilherme Dornelles. 2006. *A cultura arquitetônica em Minas Gerais e seus antecedentes em Portugal e na Europa: arquitetos, mestres-de-obras e construtores e o trânsito de cultura na produção da arquitetura religiosa nas Minas Gerais setecentistas*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
- Dangelo, André Guilherme Dornelles et al. 2013. *Sentinelas sonoras*. Belo Horizonte: E43.
- Lemos, Carlos; Corona, Eduardo. 1972. *Dicionário da Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Edart.
- Lemos, Carlos. 1979. *Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Melhoramentos; Edusp.
- Martins, Judith. 1974. *Dicionário de artistas e artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: MEC.
- Oliveira, Myriam Andrade Ribeiro de (org.). s.d. *História da Arte no Brasil: textos de síntese*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- Reis Filho, Nestor Goulart. 1970. *Quadro da arquitetura no Brasil*. São Paulo: Perspectiva.
- Samassa, Alberto de. 1943. Os sinos e a arquitetura. *Revista Música Sacra*. Petrópolis, v.2, p.168-173.
- Santos, Paulo F. 1951. *Subsídios para o estudo da Arquitetura Religiosa em Ouro Preto*. Ed. Cosmos.
- Souza, Wladimir Alves de (org.). 1983. *Guia dos Bens Tombados de Minas Gerais*. Rio de Janeiro, Ed. Expressão e Cultura.
- Vasconcellos, Sylvio de. 1968. *Sistemas Construtivos na arquitetura vernacular das Minas Gerais setecentistas*. Belo Horizonte: Ed. EAUFMG.
- Vasconcellos, Sylvio. 1977. *Vila Rica. Formação e desenvolvimento – residências*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- Vasconcellos, Sylvio. 1983. *Arquitetura: dois estudos*. Editora da Universidade Católica de Goiás.